

# Rogério Ribeiro

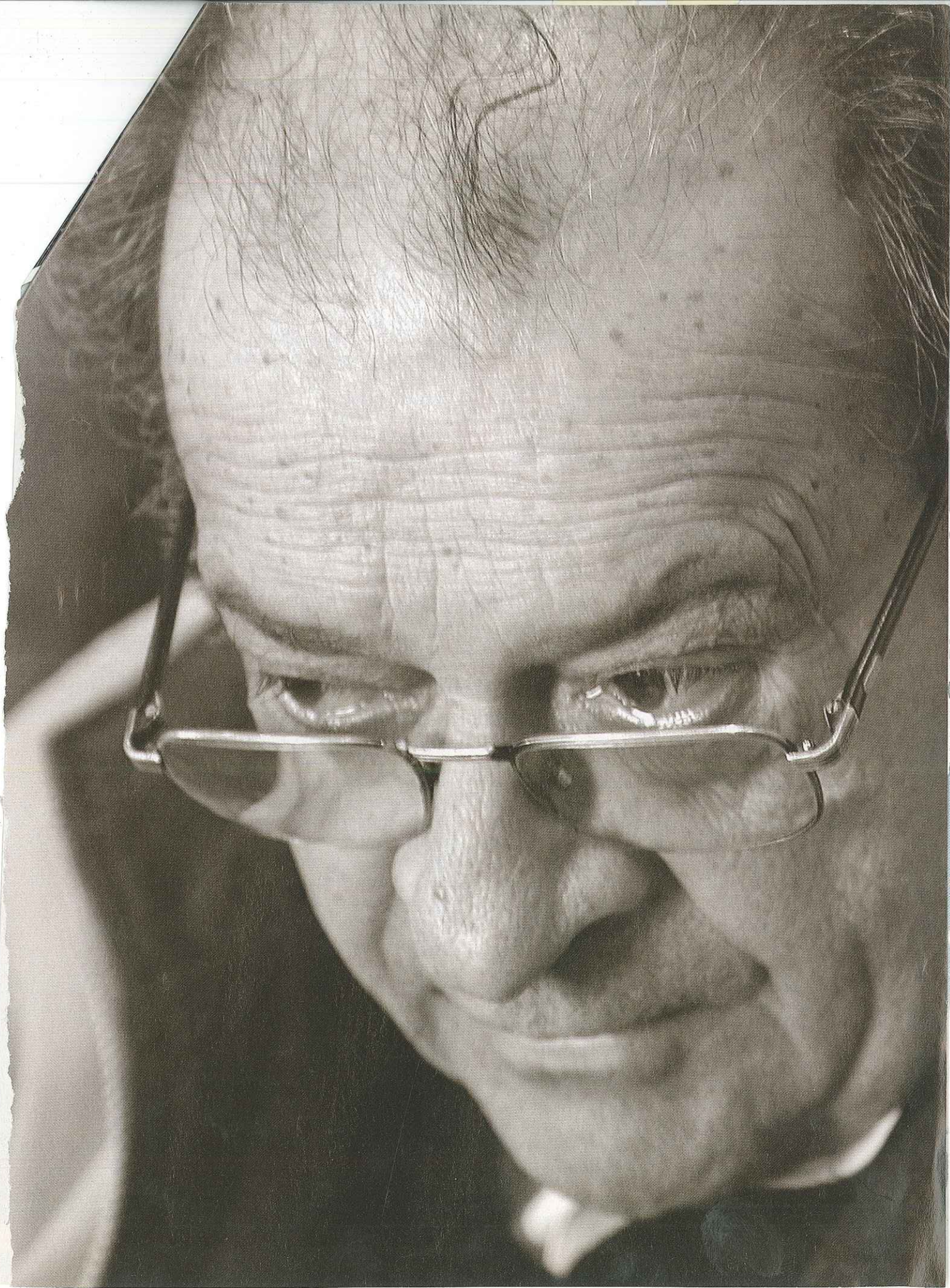
## É só inquietação

Foi ilustrador, fez painéis cerâmicos, criou museus. Por causa da perseguição da Pide percorreu meio mundo. Foi professor e ainda ama a Literatura e a Pintura.

Retrato de um homem inquieto. Sarah Adamopoulos

**I**LUSTROU LIVROS DE NAMORA, REDOL, MANUEL Alegre, e do camarada Manuel Tiago. Ilustrou mesmo quando não lhe pediam, só porque sim, só porque a história que eles contavam era também a dele, só porque o risco era inadiável. Viajou, com e sem bolsas de viagens. Foi, também por isso, por causa desse desejo de mundo inteiro, perseguido pela Pide. Assinou os painéis cerâmicos para a estação de comboios de Sete Rios e para a estação de metro Avenida, em Lisboa, e também aquele para a estação de metro de Santa Lucia, em Santiago do Chile. Participou activamente na criação de museus e galerias de arte. Está representado nas colecções de vários museus nacionais e internacionais, e naquelas de inúmeras instituições e outras tantas colecções particulares. Membro fundador do Movimento Democrático dos Artistas Plásticos (1974), andou anos a pensar sobre a função social dos artistas. E sobre a geografia da arte contemporânea. E sobre a arte pública. E sobre o ensino artístico. E sobre tudo isso andou pelo país e pelo mundo a falar. E foi professor. E gosta quase tanto de Literatura como de Pintura. E embora se diga reentristecido, foi com um homem inquieto que conversei. Rogério Ribeiro, pintor.

**Rogério Ribeiro** Eu vivo tristíssimo outra vez. Penso que já fiz o ciclo da Primavera. Agora andam para aí todos a falar nos 30 anos do 25 de Abril, e eu fico danado porque ninguém me fala de fazer o que ainda não foi feito. Há aqui uma coisa que não acontece, é trágico isto. Quem não fez a experiência de viver uns tempos lá fora, ou de conviver com intelectuais de outros países, ou de visitar faculdades, não pode compreender. Estas circunstâncias recentes aqui ao lado em Espanha, isto não é espanhol, é internacional. Há aqui uma falcatura muito grande.



Às vezes ouço falar na coerência, e falam-me da incoerência como se fosse uma coisa muito normal. Ora, não haver coerência é esquisito, é que às vezes a gente fala de coisas que são elementares como se fossem muito discutíveis. A amizade política, por exemplo, penso que é uma amizade profunda, porque é sincera. Quando há uma amizade que contém risco – eu sei quem você é e você sabe quem eu sou, se eu falo você vai preso, e o contrário também é verdade – e em que a confiança é grande, não pode ficar por aí, tem de criar outras raízes, outro conforto, e esses afectos são transformadores.

#### Ser um artista plástico durante o Antigo Regime

Fiz a António Arroio, e depois fui para as Belas Artes. Há uma contingência que no meu caso eu considero muito importante: o facto do meu pai e da minha mãe não estarem em Lisboa, e de eu ter estado entregue a mim, a estudar sozinho. Isso deu-me uma liberdade com uma outra dimensão, eu cheguei a viver num quarto ali na Rua dos Fanqueiros porque estava mais perto da Baixa, mais perto do Café Chiado, mais perto das pessoas que passei a conhecer. Através do Alves Redol conheci o Mário Dionísio, através do Mário Dionísio conheci o Pomar.

Quando fui para a António Arroio para entrar para a Escola de Belas Artes tive um professor que foi uma sorte grande que me aconteceu: o Mestre Abel Manta. Um dia apareci numa aula dele com uma folhinha de papel Ingres e ele perguntou-me se eu era rico, e depois mandou-me ir comprar papel de cenário. Disse-me então que desenhasse “aquele casaco que está ali atrás da porta”. Essa iniciação – eu começo a desenhar o casaco atrás da porta, ele apaga aquilo com a mão, limpa o carvão todo, desenha por cima, e depois pede-me para desenhar outra vez – foi fabulosa. E de facto o ensino é isto, é nós exercermos treinos, é aprender a ver, e a registar. Não é coleccionar. Contrariamente a isto, vou para a Escola de Belas Artes e conheço o Leopoldo de Almeida.

Andava por lá o Sá Nogueira, o Querubim Lapa, o João Vieira, toda essa geração que hoje está sossegadamente instalada, eram esses que agitavam aquela escola. O porteiro era da Pide, um tipo triste, um informador. Havia uns boletins na escola que referem “tumultos sem grande importância e alguns agitadores”.

A Pide andava atrás de mim porque eu tinha ido ao Festival da Juventude de Moscovo. As pessoas que queriam ir ao Festival iam primeiro para Paris. E eles começavam a prender a malta que queria ir para Paris. Estamos nos anos 50. Bem, eu tinha meios para poder ir sem ser pago por uma or-

ganização subversiva. A Pide distinguia entre os intelectuais e os operários, claro, e largaram-me, mas foi o suficiente para ficar com uma ficha. Estive 12 anos sem ensinar. Só depois de várias propostas de colegas meus a pedir para eu entrar para as Belas Artes como professor, só na altura do Marcelo Caetano é que consegui. O regime era surreal. Tudo isto era idiota, era maricas. Anos depois dessa viagem ainda me retinham para interrogatório, com as perguntas mais ridículas. Uma vez fui a Sevilha com o Alves Redol – que ele sim, tinha uma verdadeira actividade política –, e ele teve de ficar sentado na sala de espera enquanto eu estava a ser inspeccionado.

#### A ligação com as palavras

Comecei com o Fernando Namora, que illustrei. A minha primeira exposição foi com ele. Para mim, como espectador, a literatura é um mundo tão importante como é a pintura. Eu

gosto muito de escrever, a ligação com as palavras é uma ligação muito desejada, e ler é uma coisa impressionante, que proporciona alegria, que ensina uma quantidade impressionante de coisas. Eu sempre illustrei. Mesmo quando não me pediam para ilustrar, eu ilustrava à mesma. O *Até Amanhã Camaradas*, por exemplo, ninguém me pediu. Rigorosamente ninguém me pediu. Aquilo corresponde a muita coisa da minha própria experiência,

corresponde a uma história que não se sabia, que muita gente não conhecia. E, portanto, aqueles desenhos todos apeteram-me muito. Há sempre uma grande questão: a da pintura ser ou não ilustração, a de ultrapassar a ilustração, mas eu penso que são pequenos pecados que a pintura resolve. O retrato, por exemplo, também é uma ilustração. O Velasquez quando faz *As Meninas* não estava a pensar se a menina era bonita ou feia, e fez uma grande pintura e rebentou com o retrato todo, a pintura tem essa força. Penso que quando nos impomos a ideia de ter de pintar de uma forma que não seja ilustrativa, corremos o risco de esvaziar a própria ideia. O Namora, o Carlos de Oliveira, o Redol, conheci-os a todos.

Subir a Avenida com o José Gomes Ferreira, era qualquer coisa de espantoso. Nós éramos pequenitos, andávamos ao lado dele, ele é que era o homem. E depois ele ficava na tertúlia do Ferreira de Castro, e começavam na conversa, e eu ficava para ali esquecido, mas aquilo para nós era de facto precioso, eu não consigo explicar isto a um jovem de 17 anos.

A leitura sempre me acompanhou. Mas de há uns anos para cá comecei sobretudo a ler na Finlândia. A disponibilidade que eu consigo para ler acontece-me lá, na Finlândia. Consigo ler, consigo ficar com as coisas que leio, consigo emocionar-me com o que leio, consigo estar feliz por ler.

J

*“A Pide distinguia entre os intelectuais e os operários, claro, e largaram-me, mas foi o suficiente para ficar com uma ficha. Estive 12 anos sem ensinar”*

Aqui quase não leio. Aqui tenho uma vida ensarilhada. Agora você vai ficar cheia de inveja, mas olhe: lá [na Finlândia] acordo no meio da floresta, acordo pelas 7 e meia, oito horas, tomo o pequeno-almoço e depois até às 10 sento-me cá fora a ler. Agora li o Garcia Márquez. Depois comprei o mapa da Colômbia, andei com ele a dar aquelas voltas todas que ele conta, aquele homem é espantoso. Por vezes não é tanto o assunto, é a maneira como se conta.

Sim, talvez antigamente a leitura ajudasse ainda mais a conquistar esse espaço de liberdade. Mas eu não reflectia sobre isso, quando eu estava a passar para uma coisa mais abstracta em detrimento do neorealismo, eu fazia-o porque precisava de o fazer, por circunstâncias que não eram deliberadas.

#### A arte contemporânea

Sim, a arte contemporânea interessa-me, embora haja uma palavra de que eu gosto muito e que eu penso que está muito ausente da arte contemporânea: a paixão. Há um lado muito desapaixonado. Eu gosto mais de ver os quadros, ou as instalações, ou as exposições, o que for, explicados não os vendo. Os conteúdos explicados não correspondem àquilo que depois vou ver, que muitas vezes não me encanta. Felizmente, isso não é verdade em tudo.

Há um grande pintor moderno, que não é contemporâneo, mas que eu admiro muito e que revejo constantemente, que é para mim uma referência importante do Impressionismo: o Bonnard. Tenho a imagem dele a viver num vestíbulo da casa dele e de vez em quando olhava para a casa de jantar ou olhava para a cozinha e ia pintando, e depois encontrava a mulher na casa de banho, e depois a tia a comer, e tudo isto ele ia pintando. Como é que se faz uma obra tão importante, sentado num vestíbulo a olhar para a casa?

Gosto também muito de um homem que é o Kieffer, gosto nele da desdimensão, há uma monumentalidade que é perversa, muito agitada, muito forte, é uma pintura da qual eu me sinto muito perto, perto por gosto e perto por desejo. Depois há a filha do Wirkala, o designer, a filha dele é uma finlandesa que faz umas instalações espantosas.

Há um homem cujo trabalho eu tenho acompanhado e que é o Pedro Cabrita Reis. Lembro-me dele na escola, ainda estava tudo muito saltitão na cabeça dele, mas já na altura ele era corajoso, era forte. Ele tem um discurso inteligente, que não é empolado, é o discurso da procura da beleza, do encontro com as coisas, de uma certa saudade dos materiais, de os puxar até si, de ser um transformador, é um discurso clássico e ele consegue agir de uma forma e com uma violência

contemporânea. A arte contemporânea conseguiu quebrar com alguns compromissos que havia do ponto de vista formal, conseguiu essa liberdade, e penso que o Croft tem também coisas muito bonitas, muito interessantes do ponto de vista artístico, invenções extraordinárias, jogando com o peso, com os espelhos, enfim, acho que é uma construção muito interessante. E tenho acompanhado evidentemente o Pomar, e acho que está a ser maltratado, é um pintor de tela, um pintor que continua a pintar, um pintor apaixonado, inquieto, sempre a discutir-se a si próprio.

#### Dor instalada que a morte não mata

Há coisas que não se compreendem, que são inaceitáveis. Que as escolas não funcionem, que os museus não abram, que tenhamos um museu do Chiado com o século XIX todo guardado, que a polícia esteja ali instalada – que a polícia está ali instalada desde que eu entrei para a escola de Belas Artes! Como é que é possível, no centro de Lisboa, de que toda a gente carece, esteja ainda hoje instalada a polícia? Não sei

como é que se quebram essas heranças e essas redes de interesses, não tenho receitas mas tenho pena. Se me perguntasse isso em 1954 eu se calhar tinha uma resposta. Hoje não tenho. As alegrias encontram-se nas pequenas coisas e lá vamos arranjanço com que nos encantar. Estou a pintar sobre um tema a que chamei “a morte não mata a dor”. Eu penso que hoje, mais do que a morte, a dor se instalou em nós. Há uma dor instalada que a morte não mata. Penso que é uma dor

composta, porque é uma dor que também tem ódio.

Evidentemente que o problema das cadeias de interesses é precisamente isso que me diz, a mediocridade. A escola de Belas Artes passou a faculdade mas não passou pela Universidade, passou por decreto, não teve a aprendizagem de o ser, ela era uma escola de patamar intermédio, não era uma escola superior. De repente passou a ser uma faculdade, e todos comprámos um casaco e uma gravata e a partir daí somos doutores e a gente agora sabe muito, muitíssimo. A carreira académica transformou-se, e então vamos a isto: mestrados, doutoramentos, agregações, tudo o que seja preciso e possível para ser um dia catedrático. Importante é a cátedra, não o conhecimento.

Quanto a mim, a escola está esvaziada de sentido, encheram-na de uma carga teórica terrível, tudo para que a Universidade nos recebesse. Os alunos hoje já sabem o que querem, já sabem o que vão lá fazer, portanto isto é um trânsito e apenas isso. Quem é que estuda os pintores de hoje? Ninguém. ¶

*“Eu penso que hoje, mais do que a morte, a dor se instalou em nós. Há uma dor instalada que a morte não mata. Penso que é uma dor composta, porque é uma dor que também tem ódio”*